

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH

PERNAMBUCANOS

Apoio:
ANPUPE
HUMANITAS
EMCET

Realização:
HISTÓRIA

Escola de Educação,
Humanidades, Direito,
Economia e Gestão

PRO-REITORIA DE PESQUISA
POSS-GRADUAÇÃO E INovação

PPGH
CATÓLICA

huns poucos obscuros, e miseráveis
estão da socapa, e prosperi-
turgido do abismo, à que
perpetrára o louco,
da Villa de Santo
do Rio

LAMPIÃO E SEU BANDO NA FOTOGRAFIA E NA TELA DO CINEMA POR BENJAMIN ABRAHÃO BOTTO: A IMAGEM DO CANGAÇO COMO FONTE HISTÓRICA

Paulo Henrique da Silva
(Mestrando em História profissional pela UNICAP)
Ph39.phs.ph@gmail.com

Resumo: A pesquisa tem como objetivo entender quem foi Benjamin Abrahão Botto, sua trajetória de vida e trabalho. Fotógrafo e cineasta dos cangaceiros, cuja coragem e dedicação deram ao mundo a visão de um dos cangaceiros mais cruéis e temidos no Nordeste brasileiro, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo, Lampião e seu bando. Com sua coragem, o sírio-libanesa contribuiu para a historiografia do Brasil. Através das fotos e vídeos que possuímos hoje, graças ao seu trabalho, podemos nos aproximar mais dos cangaceiros, realidade da vida obtendo uma perspectiva de convivência e do cotidiano daqueles que infligiram terror e dor à população sertaneja. A aproximação ao Padre Cícero foi fundamental para chegar ao bando de Lampião, pois esse tinha grande confiança e estima ao Pe. Cícero. Apesar do risco em que se encontrava, Benjamin Abrahão persistiu em seu trabalho. Seu inestimável trabalho corrobora para pesquisadores de diversas áreas do saber humano. Com sua vida foi ceifada brutalmente e repleta de enigmas. No entanto, ele nos deixou um legado. Na pesquisa empregamos como base teórica os autores: Ângelo Osmiro Barreto, Aírton de Farias, dentre outros foram utilizados na pesquisa, além da consulta a sites, a fim de entendermos a relevância da imagem como documento histórico.

Palavras-Chave: Benjamin Abrahão Botto; Cangaço; Documento visual.

Introdução

O cangaço foi reconhecido como um movimento social e ao mesmo tempo como banditismo, tornando-se emblemático na historiografia brasileira. Sua história vem crescendo e sendo construída ao longo do tempo através de leituras e releituras, desde o seu início, do seu apogeu e do seu fim, passando fazer parte em diversos meios de divulgação

ao longo de sua existência, como nos jornais, nas literaturas, poesias, livros, obras acadêmicas já publicadas e processos existentes, possuindo, hoje, um grande repertório invejável. Porém, foi a partir das fotografias e vídeos produzidos que o cangaço se tornou amplamente conhecido no Brasil e no mundo.

Com as obras realizadas por Benjamin Abrahão, das fotografias e filmagens de Lampião e seu bando, têm sido de suma importância para historiadores e pesquisadores, pois, seu acervo iconográfico veio dar luz ao imaginário do cangaço, trazendo mais clareza e compreensão do que foi o cangaço, embora já houvesse algumas imagens de cangaceiros, o que temos hoje, produzido pelo seu trabalho trouxeram novos significados.

Tributamos a Benjamin Abrahão, com sua coragem e bravura, a iniciativa de realizar os trabalhos cinematográficos no meio dos cangaceiros, exclusivamente no bando de Lampião, conhecido como o cangaço mais perigoso que já existiu no Nordeste brasileiro ocorrido na primeira metade do século XX. Sabendo do perigo que se encontrava, Benjamin Abrahão não desistiu da sua empreitada, contribuindo com registros memoráveis, agregando ao mundo da literatura, com um material riquíssimo da iconografia do cangaço.

Benjamin Abrahão trouxe vida através das imagens ao mundo da literatura sobre o cangaço, tornando-se uma referência na construção da história do cangaço. Como bem afirma Burke (2001, p.24) imagens nos permitem "imaginar" o passado de forma mais vívida. [...] embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais. Compreendemos, portanto, que a utilização de uma imagem pode se tornar fonte histórica, usado como documento visual, na construção do pensamento e da memória. A iconografia do cangaço deu luz e sentido às palavras sobre o que fora produzido no campo da escrita.

1. A importância da imagem como documento visual na historiografia

Há milênios a imagem tem se tornado um papel importante na construção da história da humanidade. Desde dos primórdios habitantes do mundo, a imagem tem sido utilizada por muitas civilizações, povos, tribos e dentre tantas sociedades a utilizaram para expressar e descrever o contexto em que vivia, desde o seu cotidiano, convívio, modo de produção dentre outras formas que expressavam através das imagens. Segundo Paulo Knauss:

As imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nossos dias. O mundo da Pré-História é

conhecido pelas inscrições rupestres; o mundo da Antiguidade, pelas suas imagens inscritas em paredes ou em diferentes suportes como os vasos. [...]. Alguns destes vestígios visuais tão antigos têm uma longa história, que antecede em muito a escrita e sua hegemonia nas sociedades. Desprezar esta constatação pode deixar em segundo plano uma grande parte da história humana, ou ao menos de um grande universo de fontes para o seu estudo é por isso que os estudiosos das civilizações e de tempos remotos da vida humana com frequência não conseguem escapar da análise das imagens. (KNAUSS, 2006, p. 97).

Como vemos na citação acima, o autor apresenta a imagem como material relevante e que ela está presente na mais remota civilização, pois, durante o tempo foi-se criando novos formatos de imagens, desde objetos, escritos e pinturas feitas nas paredes das cavernas, seu uso deve constar na vida do pesquisador que busca entender a sociedade em estudo.

De acordo com Peter Burke (2017):

O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas. (BUKER, 2017, p. 24)

Fazendo uma análise das imagens, o autor mostra o quanto elas se tornaram importantes na transmissão da informação, gerando satisfação no aspecto religioso e cultural das sociedades passadas, não quer dizer com isso que as produções textuais não tiveram sua contribuição e valor para o conhecimento humano, todavia as imagens se tornaram instrumentos de grande relevância para os nossos antepassados servindo como manual para suas vidas através das representações visuais.

Analizando a foto com uma imagem que contribui na construção de uma narrativa, Segundo Trancoso (2022, p. 27) [...] a foto representa um ponto de partida para construir uma narrativa histórica, já que as imagens formam parte da invenção do passado. Cardoso e Vainfas (2012, p. 253) definem a imagem “como um sistema de representação visual, mas defendo que ela não deve ser separada do sistema da escrita [...]”.

A escrita não veio tomar o lugar das imagens, pois, tanto a escrita quanto a imagem possuem em si, uma relação de convivência ao longo da história. A imagem ultrapassa as barreiras culturais e sociais, disponível a qualquer, possibilitando visualizar além das palavras (KNAUSS, 2006). Ao se aproximar do campo visual, o historiador reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem – transformada em fonte de informação. (MENEZES, 2003, p. 12).

Ulpiano Bezerra de Menezes (2003) apresenta a imagem como fonte documental, segundo ele: “o uso documental da imagem “artística”, como vetor para não só produzir história, mas também é voltado para a elucidação de sua própria historicidade, é fato corrente, embora não dominante, na História da Arte”.

Como afirma Maria Ciavatta (2012, p.36) O uso da imagem como documento histórico é um dos desafios mais inquietantes para a pesquisa em educação. Autora ainda afirma que em se tratando a respeito da fotografia, ela é:

Como instrumento de educação do olhar e da consciência, a fotografia é contemporânea de uma visão estética do mundo, por oposição a um olhar racionalista e ético que acompanhou os tempos modernos e moldou o campo educacional. [...] o conceito de fotografia como fonte histórica e toda a discussão teórica que acompanha: a crença na fotografia como imagem fidedigna, o realismo na fotografia, a sedução do prazer da visão, a informação e a desinformação trazida pela ambiguidade de sentidos que envolvem o objeto fotográfico [...] (CIAVATTA, 2012, p. 36)

De acordo com a citação acima, a autora busca apresentar a fotografia como uma ferramenta educacional, um objeto de conscientização e que reveste o olhar do espectador a poder enxergar na fotografia uma forma de produção e reprodução da realidade, fornecendo-nos elementos a fim de podermos entender e interpretar a história através das imagens, pois fazem parte do trabalho do pesquisador em poder usar as imagens em suas análises, pois as fotografias têm muita informação que pode ser captada pelo olhar curioso do investigador. Segundo Mauad (2008, p.26) [...] as fotografias confirmam os quadros da memória social que, acionados pelo trabalho da memória, também servem para fazer lembrar. Como afirma Ciavatta (2012, 37), o sentido da fotografia vai além do objeto fotográfico e da imediaticidade da comunicação visual. De acordo com Ana Maria Mauad (2008):

Suas memórias, aludindo à experiência fotográfica, fundamento da sua trajetória social, permitem que se amplie a capacidade cognitiva das imagens fotográficas, associando-se visão, informação e imaginação. Dessa forma, as fotografias produzidas pelos fotógrafos no calor dos acontecimentos servem não só para lembrar, mas também para visualizar e imaginar a própria história. (MAUAD, 2008, pp. 26,27).

Conforme a citação acima, podemos entender que a fotografia tem se tornado fundamental ao longo do tempo na construção de determinada sociedade. Seu papel é transmitir e preservar a memória, despertando a consciência sobre o poder de transformação social, fazendo com que mantenhamos vivas as informações adquiridas através das imagens, a fim de visualizarmos e imaginarmos a nossa própria história.

2. A vida e obra de Benjamin Abrahão

Ao falarmos do cangaço, não podemos esquecer que houve muitas figuras importantes na construção da história do cangaço, e temos a figura célebre, Benjamin Abrahão, estrangeiro, deixando um legado riquíssimo. Sem seu trabalho não teríamos hoje, um acervo de fotos e filmagem do cangaço tão rico que servem como pesquisas, estudos, leituras e releituras por muitos.

Segundo seus familiares, Benjamim Abrahão Calil Botto nasceu, 1901, em Zahle, na época uma cidade da Síria e atualmente do Líbano, e veio para o Brasil, na década de 1910, provavelmente, fugindo da Primeira Guerra Mundial. “Dizendo-se nascido em Belém, na Terra Santa, no ano de 1901, de família nem judia nem muçulmana, mas católica apostólica romana.” (MELLO, 2012, p. 27). A Figura 1 é do jovem senhor, Benjamin Abrahão.

Figura 1 - Benjamin Abrahão



Fonte: Istantidigitali. Disponível em: https://www.instantidigitali.com/wp-content/uploads/2020/06/Benjamin_Abrahão_Botto_portrait_ritratto.jpg. Acesso em 05/12/2024.

Conforme Barreto (2022, p.16) Benjamin Abrahão alojou-se na chegada, na capital pernambucana, onde já residiam alguns de seus parentes. Mas, com espírito nômade e aventureiro, pouco tempo ficou em Recife. Como mascate, montado num cavalo e dispondo de 2 burros de cargas, Benjamin Abrahão atravessou os sertões, chegando a Juazeiro em 1920 com carta de recomendação de amigos de Pe. Cícero residentes no Recife. (FARIAS, 2004, p. 285).

De acordo com Ângelo Osmiro Barreto (2022), Benjamin Abrahão deixa o Recife e sai:

Perambulando pelo sertão nordestino, encontrou um grupo de romeiros que tinha como destino a cidade de Juazeiro no Ceará. Eram devotos do Padre Cícero Romão Batista, o Padim Ciço, reverendo cearense com fama de milagreiro. O jovem Benjamin decidiu acompanhar a romaria e chegando à “Meca do Cariri” juntou-se à leva de romeiros que participaram da benção diária que o Padre Cícero dava todo final de tarde em frente a sua casa. (BARRETO, 2022, p. 16)

Conforme a citação acima, o autor percebe que Benjamin Abrahão já tinha um espírito de aventureiro, saiu pelo sertão peregrinando, encontrando um grupo de religiosos, que seguiam em direção a Juazeiro no Ceará a fim de receberem a bênção do seu devoto Padre Cícero, decide então acompanhá-los.

Descrevendo as características de Benjamin Abrahão com muita propriedade, Mello (2012, p.27), diz que era “Alto, alvo, cheio do corpo - "gordo socado", na voz de quem privou com ele - caprichoso no vestir, agradável no trato, prestativo, fala arrastada e mansa, [...].”

Segundo Barreto (2022) ao chegar em Juazeiro com os romeiros para receber a bênção do Padre Cícero, durante a benção que seria dada, o sacerdote percebeu dentre os religiosos que havia um homem de aspecto diferente dos demais. Quando o padre lhe perguntou sobre sua origem, respondeu que nasceu em Belém, terra do menino Jesus, causou muita admiração ao padre e aos demais. Diante da multidão o Padre Cícero toma uma decisão em relação ao estrangeiro, seguem-se suas as palavras do sacerdote, descritas por Frederico Pernambucano de Mello (2012):

"Fique, meu filho. Seja bom e pode sentir-se aqui como se fosse a sua própria casa". Voltando-se para os romeiros, alteia a voz para saciar a curiosidade dos mil olhos que fechavam o estranho àquela altura, e proclama, sem esconder a satisfação diante da novidade: " Ele é conterrâneo do Nosso Senhor Jesus Cristo". (MELLO, 2012, p. 34).

As palavras do Padre Cícero foram fundamentais para Benjamin Abrahão, pois a partir dali, passaram a surgir diversas oportunidades para ele, desde permissão para poder abrir seu próprio comércio, venda materiais religiosos e passando a morar na residência do sacerdote. Adquirindo confiança, passou a ser secretário particular do padre.

Vendo naquele jovem estrangeiro a possibilidade de se tornar alguém, Padre Cícero resolve ajudá-lo como afirma José Aírton de Farias (2004):

O sacerdote, sensibilizado com o fato do rapaz originar-se de lugar tão próximo à Terra Santa (a verdadeira) resolveu ajudá-lo, dando condições para montar uma casa comercial para a venda de imagens de santos. Benjamin educado, simpático, namorador, era temperamental quando provocado, o que vez ou outra resultava em brigas. Abraão teria tido papel importante no encontro histórico entre Pe Cícero e Lampião em 1926 [...]. (FARIAS, 2004, p. 285)

A fotografia abaixo representa não apenas uma simples imagem, mas do que isso, onde o Benjamin Abrahão posa ao lado do Padre Cícero, ícone da religião católica em Juazeiro do Norte no Ceará, que com seu apoio Benjamin chegou a assumir posições de grande confiança na vida do sacerdote. A Figura 2 é do Padre Cícero com Benjamin Abrahão.

Figura 2- Padre Cícero e Benjamin Abrahão.



Fonte: Fortaleza em fotos. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2022/01/benjamin-abrahao-de-padre-cicero-lampiao.html>. Acesso em 03/12/2024

Conversador e alegre, em pouco tempo Benjamin ganhou confiança do reverendo, passando a ser seu secretário particular. Em alguns dias o estrangeiro de voz enrolada já ocupava um quarto na casa do Padre Cícero. (BARRETO, 2022, p. 17).

Essa aproximação com o sacerdote, tornou-o numa pessoa de respeito e confiança pelos moradores de Juazeiro. Ocupando uma posição de destaque ao lado do reverendo, causando inveja a muitas pessoas, como foi o caso de Floro Bartolomeu, tipo de braço político e guarda costa do padre. Nos embates políticos que envolveram Floro Bartolomeu, o padre Alencar Peixoto, Benjamin Abrahão passaram a ficar a favor do padre, por conta disso o levou à prisão em 1924, na cidade de Juazeiro. (BARRETO, 2022). Mas não parou aí, segundo José Aírton de Farias (2004) Benjamin Abrahão:

[...] terminou se atritando com a beata Mocinha e se retirando de Juazeiro nos anos 1930. Na intenção de obter algum dinheiro procurou a *Aba Film* – a primeira empresa cinematográfica e fotográfica do Estado – e propôs filmar Lampião, coisa que ninguém até então tinha feito. Arriscando a própria vida, percorreu léguas no sertão e de fato registrou imagens do “rei do cangaço” (as únicas imagens cinematográficas de Virgulino Ferreira, inclusive). (FARIAS, 2004, pp. 285,286).

A partir desses episódios, levou Benjamin Abrahão a buscar outro meio de ganhar a vida, passando a trabalhar na Aba Film como fotógrafo e cineasta, decidindo se aproximar de Lampião e seu bando para fotografá-los e filmá-los, uma decisão que até aquele presente momento ninguém se prontificou em fazê-lo. Algo inédito emergia.

Segundo com Ângelo Osmiro Barreto (2022):

Para documentar em imagens o bando de Lampião, um empreendimento de alto risco, tanto de vida, por motivos óbvios, como financeiros – afinal, seria empregado equipamento moderno e caro para a época -, Benjamin Abrahão teve apoio de outra importantíssima personagem: o bancário Adhemar Bezerra de Albuquerque, cineasta amador e fundador da Aba Film, em 1934. (BARRETO, 2022, pp. 18,19)

As circunstâncias eram difíceis, em se tratando de filmar e fotografar Lampião e seu bando. Porém, com ajuda do fundador da Aba Film, que leva a inicial do seu nome, Adhemar Bezerra de Albuquerque, “estúdio fotográfico localizado à rua Major Facundo, no centro da cidade” em Fortaleza, no Ceará. Segundo Barreto (2022, p.23) Adhemar foi de grande importância para a empreitada corajosa de Benjamin Abrahão, que sem sua ajuda não teria atingido seu intento de filmar o homem mais procurado e temido do Nordeste, naqueles tempos. A Figura 3 de Lampião, Maria Bonita, Benjamin Abrahão e outros cangaceiros, 1936. Sertão nordestino, nas proximidades do Rio São Francisco:

Figura 3: Lampião, Maria Bonita, fotógrafo Benjamin Abrahão e outros cangaceiros



Fonte: Brasiliana Fotográfica Digital. Disponível em:
<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5245>. Acesso em 04/12/2024

A imagem acima marca o início dos trabalhos de Benjamin Abrahão entre os cangaceiros, embora sabendo do perigo, enfrentou e prosseguiu com seu objetivo. Farias (2004) afirma “que Lampião antes dos registros, exigiu manipular a câmara, temendo que o aparelho ocultasse uma arma para eliminá-lo”. Lampião, sempre esperto, pois, não sabia o que e quem poderia a qualquer momento o trair ou lhe fazer algum mal. Era o início de uma grande saga para o sírio-libanês.

Começa a dar frutos ali uma das maiores façanhas de documentação visual moderna já praticada em nosso país, rivalizando com os feitos de Juan Gutierrez, de Flávio de Barros, de Tomás Reis, de quantos arriscaram a vida por um sonho extravagante, e passaram de doido a herói. Ou deram a vida pela ousadia, como findou acontecendo com o primeiro, tombando na poeira da Canudos de 1897. (MELLO, 2012, p. 126).

Muitos perderam suas vidas durante suas atividades em busca oferecer ao mundo uma nova realidade das coisas, considerados por alguns, como loucos, tornaram-se ícones de bravura e coragem. Segundo Barreto (2022, p.12), em 1936, Benjamin embrenhou-se no sertão, onde conviveu algum tempo com o bando de Lampião, fazendo os primeiros registros. O Diário de Pernambuco, no dia 16 de janeiro de 1937, traz uma matéria inédita, informando que Lampião irá aparecer no cinema.

Figura 4 - Lampião vai aparecer no cinema pela primeira vez.



Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pagfis=22815. Acesso em 04/12/2024.

De acordo com Barreto (2022, p.26): Esse filme chegou a ser exibido em sessão fechada para as autoridades locais, entre elas o chefe de polícia do Ceará, general Cordeiro Neto e os censores da ditadura, no Cine Moderno, em Fortaleza. Segundo Farias (2014) devido a repercussão nacional, os filmes foram apreendidos e uma parte deles destruídos pelo governo. A alegação da apreensão do filme era que atentava contra as leis do país. “O filme *O baile perfumado* dramatiza os bastidores dessa filmagem de Lampião.” (FARIAS, 2004, p. 286)

Conforme Mello (2011) Getúlio Vargas aborrecido já fazia um tempo querendo pôr fim ao cangaço, surge então a exibição do filme como uma afronta. Sua divulgação estava se espalhando pelo país, através da imprensa, até em revistas de renome, como a *Noite Ilustrada*. Segundo Mello (2011, p.316), “a fúria do Estado Novo em gestação avançada vem a se desencadear através do diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes, determinando a apreensão em todo o território nacional.” Conforme Fátima Garcia (2022), as fotografias dos cangaceiros em poses que transmitiam orgulho e segurança irritaram o presidente Getúlio Vargas, fato que impulsionou o definitivo esforço de repressão que exterminaria os bandoleiros do sertão.

Como se vê na Figura 5 publicada no Jornal Pequeno no dia 03 abril de 1937, informando que Departamento de Propaganda determinando a proibição da exibição do filme de Lampião:

Figura 5 - Proibição da exibição do filme sobre Lampião



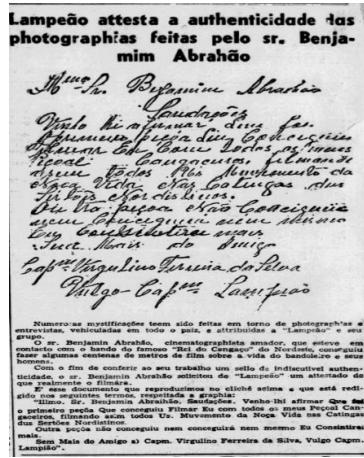
Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643 & Pesq=Lampi%c3%ao_perfilis=59114. Acesso em 04/12/2024.

Para poder provar a autenticidade dos seus trabalhos realizados, das imagens e fotografias tiradas de Lampião e seu bando, o cineasta, Benjamin Abrahão pediu a Lampião que escrevesse a respeito das imagens coletadas dele e de seu bando, pois havia muitas dúvidas sobre as origens das imagens dos cangaceiros.

A Figura 6 refere-se à publicação do atestado escrito por Lampião a Benjamin Abrahão, divulgado no Diário de Pernambuco no dia 18 de fevereiro de 1937, a fim de provar a autenticidade das filmagens e fotografias.

Figura 6 - Atestado de Lampião sobre a autenticidade das imagens coletadas por Benjamin Abrahão.



Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pagfis=23274.

Acesso em 04/12/2024

No dia 10 de maio de 1938, o Diário de Pernambuco traz a triste notícia do assassinato de Benjamin Abrahão, morto em Águas Belas, em Pernambuco. Segundo Farias (2004):

Benjamin Abraão morreu em 1938, assassinado em Pau Ferro (hoje Águas Belas - PE); uns apontam como causa do crime uma aventura amorosa, sendo o libanês morto a mando do marido ciumento. Outros afirmam que o homicídio se deu pela polêmica do filme, quando Abraão recolheu cenas denunciando irregularidades dos policiais que perseguiam Lampião. (FARIAS, 2004, p. 286).

Corroborando com a citação acima, Ângelo Osmiro Barreto (2022) questiona quais os reais motivos da morte Benjamin Abraão “teria sido morto por ciúmes de um marido ultrajado? Ou teria sido queima de arquivo? Afinal, ele sabia, e muito, do envolvimento de autoridades e até de coronéis do sertão com Lampião.” (BARRETO, 2022, p. 35). A Figura 7 é sobre a triste informação do assassinato de Benjamin Abrahão em Águas Belas.

Figura 7 - A morte de Benjamin Abrahão



Fonte: Hemeroteca digital brasileira. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/doctreader/DocReader.aspx?bib=029033_11&Pesq=atestado%20de%20la_Mpi%c3%a3o_perfil=28824. Acesso em 04/12/2024.

Diante do repertório de imagens coletadas e filmagens sobre o cangaço, apresentaremos algumas das fotografias existentes de Lampião e seu bando, fotografias essas capturadas por Benjamin Abrahão, e que muitas delas foram divulgadas em jornais, influenciando a opinião pública a respeito do cangaço. As fotos abaixo foram tiradas em 1936.

Figura 8 - Maria Bonita e Lampião com seu bando de cangaceiros.



Fonte: Brasiliana Fotográfica Digital. Disponível em:
<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5247>. Acesso em 04/12/2024

Considerações finais

De um modo geral, vemos que as imagens se tornaram uma importante fonte histórica, como documento visual e pedagógico, que vem sendo utilizada no campo das ciências sociais e outras áreas do conhecimento humano, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos leitores. Através delas diversos pesquisadores e profissionais da fotografia e do cinema vem contribuindo para preservação do imaginário que faz com que possamos compreender o que está por trás de tudo que foi produzido através das imagens. Como velho adágio popular, uma imagem pode falar ou transmitir algo mais do que mil palavras.

Ao longo dos anos os pesquisadores vêm percebendo que essa frase não ficou apenas na teoria, tem se tornado análise e investigação por muitos a fim de compreender a relação entre a imagem, os escritos e linguagem. Mesmo com todo aparato tecnológico hodierno, a imagem ainda continua assumindo sua função de registrar, guardar, informar tudo aquilo que um dia fora projetado através do documento visual. Muitos trabalhos vêm sendo realizados, através da recuperação, restauração, digitalização, conservação a fim manter a imagem como patrimônio histórico-cultural. As fotografias e filmagens coletadas por Benjamin Abrahão, foram e são registros de grande valor, que até hoje tem servido para o conhecimento daqueles que querem conhecer o maior movimento do banditismo no Nordeste, ocorrido nas décadas de 1920 a 1930.

Portanto, é mister, que possamos nos dedicar em conhecer mais sobre o trabalho realizado por Benjamin Abrahão, conhecendo seu trabalho, que deixando a sua cidade natal, veio ao Brasil, e que mais tarde passou fotografar Lampião e seu bando em plena caatinga no sertão nordestino, além dos riscos em se encontrava, por entrar no bando de Lampião, com sua autorização para realizar seus trabalhos, foi até o fim, até deram cabo de sua vida, de forma cruel. Mas foi suficiente apagar da memória o seu trabalho que hoje serve de inspiração para muitos, pela sua bravura e serviço que consta nos anais da historiografia brasileira e do cangaço.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Â. O. **Lampião e Benjamin Abrahão**: Uma das mais importantes Reportagens Fotográficas dos Últimos Tempos. Natal: Sebo Vermelho, 2022.
- BUKER, P. **Testemunha ocular**: O uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Unesp digital, 2017.
- CARDOSO, C. F., & VAINFAS, R. **Nos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012
- CLAVATTA, M. **O mundo do Trabalho em Imagens**: Memória, História e Fotografia. pp. 33-46, 2012.
- FARIAS, J. A. **História da sociedade cearense**. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.
- KNAUSS, P. **O desafio de fazer História com imagens**: Arte e cultura visual. pp. 97-115, 2006.
- MAUAD, A. M. **Poses e Flagrantes**: Ensaio sobre História e Fotografia. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.
- MELLO, F. P. **Benjamin Abrahão**: Entre anjos e cangceiros. São Paulo: Escrituras, 2012.
- MENEZES, U. T. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**: Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, pp. 11-36, 2003.
- TRONCOSO, A. d. **As mulheres de Xóyep**: Fotografia e memória. Rio de Janeiro: FGV, 2022.

Sites:

GARCIA, Fátima. **Benjamin Abrahão. De Padre Cícero a Lampião**. Fortaleza em fotos. Fortaleza, 15/01/2022. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2022/01/benjamin-abrahao-de-padre-cicero-lampiao.html>. Acesso em: 03/12/2024.

Cronologia de Benjamin Abrahão Calil Botto (1901 – 1938). Brasiliana fotográfica, 2021. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20752>. Acesso em: 07/12/2024.

Benjamin Abrahão Calil Botto. Istantidigitali. Disponível em: https://www.instantidigitali.com/wpcontent/uploads/2020/06/Benjamin_Abrahão_Calil_Botto_portrait_ritratto.jpg. Acesso em 04/12/2024.

Lampião. Brasiliana Fotográfica Digital. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/discover?query=LAMPI%C3%83O&submit=Ir>. Acesso em: 04/12/2024

Periódico. Hemeroteca digital brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx> Acesso em: 04/12/2024.